

LA CONVENCION SOBRE LOS DERECHOS DEL NIÑO A DEBATE 30 AÑOS DESPUÉS



Antonio Salvador Jiménez Hernández

Otman Ghannami-Gabriel Ordaz Olais

Karina Marisol Heredia Guzmán-Jaddy Brigitte Nielsen Niño

Laura Lara Vázquez-Adriana Santos

Alessandra Rique de Alvarenga Ferreira-Dulce Garcia Galvão

Jorge Apóstolo-Miguel Ángel Martín Sánchez

Jorge Cáceres Muñoz-Manuel Antonio Conde del Río

(Coordinadores)

Colección Participación e Incidencia Política

13



CIPI ediciones



UNIVERSIDAD DE N BUENAVENTURA SEDE BOGOTÁ



الجماعة المتضرية لتتوان
Commune Urbaine de Tétouan



ISBN: 978-84-09-13979-8



**LA CONVENCION SOBRE LOS
DERECHOS DEL NIÑO
A DEBATE 30 AÑOS DESPUÉS**

Antonio Salvador Jiménez Hernández

Otman Ghannami-Gabriel Ordaz Olais

Karina Marisol Heredia Guzmán-Jaddy Brigitte

Nielsen Niño-Laura Lara Vázquez-Adriana Santos

Alessandra Rique de Alvarenga Ferreira-Dulce Garcia

Galvão-Jorge Apóstolo-Miguel Ángel Martín Sánchez

Jorge Cáceres Muñoz-Manuel Antonio Conde del Río

(Coordinadores)

**Colección
Participación e incidencia política**

Huelva, 2019

© Los autores

ISBN: 978-84-09-13979-8

Edita: CIPI EDICIONES

Colección: Participación e incidencia política

Dirección: Antonio Salvador Jiménez Hernández y María
Inmaculada Iglesias Villarán

Distribuye: Consejo Independiente de Protección de la
Infancia

<http://www.cipinfancia.org>

E-mail: info@cipinfancia.org

No está permitida la reproducción total o parcial de esta obra, ni su tratamiento informático, ni la transmisión de ninguna forma o por ningún medio, ya sea electrónico, mecánico, por fotocopia, u otros medios, sin el permiso previo y por escrito de los titulares del Copyright.

CAPÍTULO 24
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
INTERGERACIONAIS SOBRE A
AMAMENTAÇÃO: CONTRIBUTOS
DOS ENFERMEIROS

**Ernestina Silva⁽¹⁾; Cláudia Ferreira⁽²⁾; Filipa
Rodrigues⁽²⁾; Dulce Galvão⁽³⁾**

⁽¹⁾ Escola Superior de Saúde de Viseu

⁽²⁾ Hospital Dr. Nélio Mendonça, RAM

⁽³⁾ Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Introdução

A amamentação é considerada a forma de alimentação mais antiga e eficaz da espécie humana, sendo o leite materno considerado como o alimento mais apto a suprimir as necessidades fisiológicas do metabolismo dos lactentes (Parreira, 2018). A amamentação vai muito além do que somente alimentar o bebé. É um processo que envolve uma combinação de sentimentos entre mãe-filho, mas também com repercussões no estado nutricional da criança, na sua capacidade de se proteger de infeções, na sua fisiologia e no seu desenvolvimento cognitivo, além de ter implicações na

saúde psicológica e física da mulher (Filamingo, Lisboa, & Basso, 2012).

O incentivo à amamentação deve ser contínuo, desde o período pré-natal até o bebê nascer, sendo também importante a orientação e apoio durante o processo de amamentação e os modelos que são transmitidos pela família. A amamentação é uma competência que, na maioria das vezes, é aprendida e transmitida de mães para filhas em diversas culturas e sociedades, através dos momentos e oportunidades para observar a amamentação dentro do círculo familiar, ou seja, podemos considerar que durante o período de gestação e lactação, a mulher está sujeita à influência das pessoas do seu convívio, podendo essa convivência ter tanto resultados positivos quanto negativos na vivência do processo de amamentar (Silva et al., 2015; Martins & Montrone, 2017). Os enfermeiros têm também um papel importante na promoção, apoio e incentivo da amamentação. As suas intervenções compreendem o esclarecer e orientar as mães, de modo a compartilhar conhecimentos e fundamentos científicos sobre amamentação, prestando cuidados humanizados, tendo como finalidade a melhoria e o desenvolvimento do recém-nascido e consolidação do vínculo mãe-filho (Santos et al., 2018; Vargas et al., 2016).

Perante estes factos e porque trabalhamos com mães que amamentaram ou amamentam os seus filhos, bem como lidamos no nosso dia-a-dia e nos nossos contextos familiares com mulheres que o fazem, surgiu o interesse nesta investigação²⁸ junto de duas gerações de mulheres em relação às suas memórias e histórias sobre a amamentação.

²⁸ Este artigo engloba-se no Relatório Final da Pós-licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria

Pretendemos contribuir para a melhoria do processo de amamentação.

Enquadramento

A amamentação é definida como um “tipo de ligação mãe-filho com as características específicas, estabelecimento de uma ligação maternal adequada com a criança enquanto a alimenta, dando-lhe leite do peito, ao mesmo tempo que a encoraja, estabelece contacto e vai compreendendo o temperamento da criança e os sinais precoces de fome” (Conselho Internacional de Enfermeiros, 2006 citado por Coelho, 2015, p.19). A amamentação é reconhecida como meio ideal de nutrição infantil e as suas características nutricionais e imunológicas para satisfazer as necessidades fisiológicas da criança têm sido demonstradas no meio científico. Deste modo, a amamentação destaca-se como um dos suportes fundamentais para a promoção e proteção da saúde das crianças a nível mundial (Siqueira et, 2017).

O sucesso da amamentação depende de múltiplos fatores, entre os quais, as informações antes do nascimento, assim como no pós-parto. É admitido que quanto mais a mulher estiver informada sobre o assunto, maior será a facilidade para ultrapassar os obstáculos (Natalia & Vickers, 2018). Deste modo, o incentivo à amamentação deve ser um processo contínuo, que vai desde o período pré-natal até se estabelecer a amamentação, sendo o enfermeiro o profissional que tem contacto mais direto com as mães e bebês (Lourenço, 2018).

A fase da amamentação é um momento único na vida da mulher, que pode acarretar uma multiplicidade de sentimentos, os quais podem variar de uma mulher para outra, dependendo das experiências vivenciadas. Assim, a decisão da

mulher em amamentar está relacionada com o seu percurso de vida, questões sociais e culturais, bem como aspetos de cariz emocional, social, familiar e económico (Silva, et al., 2015).

Dentro do núcleo familiar, as mulheres são as cuidadoras principais e também responsáveis por transmitir o conhecimento sobre a maneira de cuidar. Esse conhecimento é transmitido de geração em geração e, usualmente, de mãe para filha (Angelo et al., 2015). As várias experiências desenvolvidas em contextos históricos e o interesse das mulheres de diferentes gerações resultam na atribuição de significados distintos à amamentação como consequência das transformações e imposições sociais. Portanto, considerar o fenómeno da intergeracionalidade pressupõe valorizar o processo cumulativo de conhecimentos e experiências das mulheres na organização da vida social. A convivência mãe-filha durante o período puerperal tem sido apontada em alguns estudos como aspecto fundamental para a manutenção ou mudanças de práticas ou hábitos relacionados com a amamentação (Moreira, Nascimento & Paiva, 2013).

Métodos

Definimos como objetivos para a nossa pesquisa:

- Identificar as experiências e vivências de duas gerações de mulheres sobre a amamentação do(s) seu(s) filho(s)?
- Analisar o contributo dos enfermeiros no processo de amamentação ao longo de duas gerações de mulheres?

Elegemos um estudo qualitativo do tipo exploratório-descritivo e fenomenológico, através de amostra não probabilística em bola de neve. Para obtenção dos dados utilizamos um questionário dirigido a duas gerações de

mulheres (7 mães e 7 filhas) e tendo como critérios de inclusão terem amamentado um filho. Foram cumpridos os procedimentos éticos tendo o estudo o parecer favorável da Comissão de Ética da Escola. Na análise dos questionários recorreremos à análise de conteúdo de acordo com Bardin (2011).

Resultados e Discussão

Após a análise dos dados, emergiram seis categorias: razões para querer amamentar; causas de abandono da amamentação; duração da amamentação; início da primeira mamada; transmissão intergeracional; contributos dos enfermeiros no processo de amamentação.

Muitas vezes quando se pergunta às mães as **razões que as levam a querer amamentar** mencionam frequentemente: nutrientes, defesas imunológicas, questões relativas à saúde física do bebé, benefícios para a saúde da mãe, lado prático/económico/ecológico de ter o alimento sempre pronto e disponível na temperatura perfeita. E valorizam acima de tudo a vinculação e a relação emocional (Pincho, 2018). Os testemunhos das nossas participantes em estudo vão no mesmo sentido, tendo 9 delas referido precisamente os motivos descritos acima. É, pois, reconhecido que o leite materno é natural e nutritivo e é o alimento mais completo para o recém-nascido e para os primeiros meses de vida, e tem vantagens não só para a saúde do bebé, mas também para a mãe.

As **causas de abandono da amamentação** são várias e a perceção de leite insuficiente tem sido descrita como condicionante fortemente associada ao abandono da amamentação. Destaca-se o estudo de Henriques e Martins

(2011) no qual 78,2% das mulheres apontaram a percepção de leite insuficiente como principal motivo para terem abandonado a amamentação. Já no estudo de Garbarino et al. (2013), 32% das mães referiram que a quantidade de leite produzido era insuficiente para satisfazer as exigências do bebê o que contribuiu para a introdução de fórmulas artificiais e consequente abandono do leite materno. Consolidando o descrito anteriormente, entre as participantes do estudo, a pouca produção de leite (percepção de leite insuficiente) foi identificada claramente como a maior causa de abandono da amamentação, mencionada por 6 delas (4 mães e 2 filhas). De entre estas 6 participantes, apenas uma ofereceu leite artificial ao seu bebê.

Outra das causas para deixar de amamentar apontadas pelas mães é a dor e são muitas as mulheres com a ideia de que a dor faz parte do processo de amamentação. Este é um dos mitos mais enraizados na nossa cultura. A amamentação não tem de doer e uma boa pega pode fazer a diferença entre uma amamentação prazerosa e dolorosa. Geralmente corrigir a pega é o que basta para retirar a dor (Pincho, 2018). A dor relacionada com a pega não foi referida pelas participantes do estudo como causa de abandono da amamentação, mas foi mencionada por 11 delas, como associada à experiência negativa da amamentação. Uma participante refere ter tido duas mastites que também é uma consequência de má pega da mama.

É de salientar que um bom indicador da eficácia da amamentação é a eliminação de urina e fezes. Se nos primeiros dias de vida o bebê produz mecónio, no terceiro dia fará umas fezes esverdeadas e a partir do quarto dia, após a descida do leite, esperamos ver umas fezes amarelas e líquidas. Por vezes os pais assustam-se porque pensam que é diarreia, mas não é,

são as fezes normais de um bebê amamentado (Pincho, 2018). Constatou-se isto entre uma das mães participantes no estudo que como causa de abandono da amamentação referiu a diarreia do filho. A mesma mãe referiu que o médico receitou, após alta do hospital o leite artificial.

A altura do regresso ao trabalho é uma altura desafiante para as mães e famílias. É difícil ter de deixar o bebê para ir trabalhar. Do ponto de vista prático e também emocional há várias readaptações que têm de ser feitas. Muitas vezes organiza-se tudo durante a gravidez, mas não se prevê os sentimentos e as emoções que surgem quando a hora se aproxima (Pincho, 2018). De facto, entre as nossas intervenientes, duas delas referiram que o regresso ao trabalho e a articulação com o mesmo contribuíram para o abandono da amamentação.

Quanto à **duração da amamentação** Levy (2011) refere que quase metade das mães que inicia a amamentação desiste de dar de mamar durante o primeiro mês de vida do bebê, sendo fundamental que as mães que decidem amamentar não desistam diante da primeira contrariedade salvaguardando que a mãe não deve ser culpabilizada ou estigmatizada pela decisão de não amamentar). Entre as participantes do nosso estudo tal não se verificou, pois, só uma mãe e uma filha desistiram de amamentar no primeiro mês de vida do bebê. Foi entre os 2 a 6 meses que se verificou o abandono da amamentação por parte de 5 das mães e 2 das filhas. De realçar que a geração das filhas amamentou durante mais tempo pois uma desistiu quando o filho tinha 1 ano, outra o filho tinha mais de 2 anos e 2 ainda amamentam os seus filhos de 3 anos e 7 meses.

Constatamos que cerca de metade das participantes no estudo não **iniciou a primeira mamada** na primeira meia hora após o nascimento do bebê, relacionando-se com o tipo de parto que foi a cesariana. Habitualmente é oferecido leite artificial a todos bebês que nascem por cesariana. Ressalva-se, contudo, que das 7 mães apenas uma teve um parto por cesariana contrastando com as filhas em que cerca de metade teve um parto por cesariana. O início da amamentação após a meia hora pode ter estado relacionado com o facto de muitas vezes após o nascimento, o bebê é deixado apenas por breves instantes junto da mãe, sendo levado posteriormente para fazer uma série de procedimentos e voltando tardiamente para junto da mãe. Essa não é a indicação, pois o que deve acontecer é que o bebê não seja separado da mãe até que a primeira mamada seja concluída pelo próprio bebê (Pincho, 2018). Exatamente pela importância que tem a primeira mamada, a Iniciativa Hospitais Amigos dos Bebês (OMS/UNICEF) referido por Levy & Bértolo (2012), aconselham que o bebê mame na primeira meia hora de vida.

A decisão de dar de mamar é uma decisão pessoal. Mas é fundamental ter consciência do papel que a socialização e o ambiente (família, amigos, pai do bebê, médicos) têm na decisão da mãe, para além da influência da **transmissão intergeracional** de conhecimentos e aprendizagens sobre a amamentação. Por isso, sobretudo para as mães indecisas, é importante procurar “pessoas significativas” que incentivem e apoiem a sua decisão. Quanto mais sinais positivos sobre a amamentação a mãe tiver à sua volta mais fácil será escolher dar de mamar e descobrir o prazer e a gratificação profundos proporcionados pela amamentação. Do mesmo modo, atitudes céticas desconfiadas ou negativas (muitas vezes oriundas da geração anterior, aquela que, por várias razões, abdicou do

prazer de dar de mamar) em relação à prática da amamentação só contribuirão para desencorajar a mãe (Levy, 2011). Entre as participantes deste estudo mais de metade das mães teve uma experiência negativa com a amamentação contrastando com a das filhas em que apenas uma considerou a experiência negativa. Contudo não houve entre elas um padrão de associação ou influência dessa mesma experiência, pois cada uma das intervenientes vivenciou a amamentação de forma única. Relativamente à transmissão intergeracional de conhecimentos e aprendizagens sobre a amamentação apenas uma mãe e uma filha mencionaram a figura materna como transmissora de conhecimentos e uma mãe referiu que a observação de outras mulheres da família foi fundamental para a sua decisão de amamentação.

O contributo dos enfermeiros na promoção da amamentação passa por informar e esclarecer as grávidas sobre as vantagens e a prática da amamentação e pela ajuda às mães a iniciarem e manterem a mesma. Verificamos no nosso estudo que em termos de orientações pré-natais por parte dos enfermeiros, todas as filhas e uma mãe foram muito objetivas ao mencionar a ajuda que tiveram das enfermeiras especialistas em saúde materna e obstétrica no centro de saúde e nas aulas de preparação para o parto. No que concerne às orientações perinatais, 7 participantes referiram indicações das enfermeiras sobretudo relacionadas com a posição do bebé à mama, a pega e prevenção de fissuras. Uma interveniente destacou que recorreu à enfermeira especialista em saúde infantil e pediátrica para validar dificuldades com a amamentação. Em relação à ausência de orientações pré-natais por parte dos enfermeiros, 4 mães destacaram este problema. No que concerne à ausência de orientações perinatais dos enfermeiros, 6 mães e 1 filha salientaram esta situação. Ao avaliar o contributo dos enfermeiros na amamentação, todas as

mães e uma filha foram de opinião pouco favorável. Por outro lado, 6 filhas consideraram que os contributos dos enfermeiros foram positivos.

Conclusões

De acordo com Pincho (2018) a decisão de amamentar o seu filho cabe às suas mães, pelo que se torna fundamental empoderar as mães para que possam decidir de forma esclarecida e consciente sobre a alimentação do seu bebé. É reconhecido que a amamentação é o leite ideal para o recém-nascido e tem múltiplas vantagens para a mãe e para a criança.

Interessou-nos identificar as experiências e vivências de duas gerações de mulheres que amamentaram/amamentam o(s) seu(s) filho(s) e analisar o contributo dos enfermeiros no processo de amamentação de duas gerações de mulheres.

Percebemos que as mães e filhas apreciaram esta oportunidade de falar sobre a sua experiência e emergiram alguns aspectos que constituem pistas de reflexão e que poderão contribuir para a melhoria do processo de amamentação:

Todas as participantes identificaram a percepção de leite insuficiente como a maior causa de abandono da amamentação, metade das participantes não iniciou a primeira mamada na primeira meia hora de vida do bebé, tendo o tipo de parto por cesariana uma influência negativa na história da amamentação pois foi oferecido leite artificial aos bebés que nasceram por cesariana. Mais de metade das mães teve uma experiência negativa com a amamentação, associada à dor e

mastite por má pega da mama, contrastando com a experiência positiva das filhas. Na perspectiva de uma mãe e uma filha a figura materna assumiu-se como transmissora de conhecimentos em relação à amamentação. Existe uma opinião negativa das mães em relação aos contributos dos enfermeiros na amamentação, porém a geração mais recente e que corresponde à maioria das filhas consideraram positivos os seus contributos.

O processo de amamentação, resultou no passado e atualmente continua a ser a escolha primordial para 92,5% dos bebés nascidos atualmente. Para isso é fundamental continuar a melhorar a formação pré e pós-graduada e formação em serviço em amamentação a todo o pessoal das equipas de saúde com relevância nas maternidades e unidades de prestação de cuidados a crianças, estabelecendo uma ação organizada com padrões de boas práticas nos cuidados de saúde primários em articulação com os hospitais, a nível da assistência pré e pós-natal e a nível domiciliário.

É necessário melhorar as estruturas de apoio à amamentação designados como “cantinhos da amamentação”, a funcionar em alguns centros de saúde, nomeadamente na RAM. Geralmente nestes cantinhos as mulheres contam com a assistência de um enfermeiro que as auxiliam a ultrapassar dificuldades e a promover a amamentação. Maior investimento na vigilância de saúde pré e pós-natal, criação de grupos de apoio à amamentação e formação dos enfermeiros especialistas em saúde materna e saúde infantil e pediátrica numa perspectiva contínua de melhoria dos cuidados prestados.

Referências Bibliográficas

- Angelo, B., Pontes, C., Leal, L., Gomes, M., Silva, T., & Vasconcelos, M. (2015). Práticas de apoio das avós à amamentação: Revisão integrativa. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 15(2), 161-170. Acedido em <https://doi.org/10.1590/s1519-38292015000200002>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Coelho, A. (2015). *Promoção das competências parentais no aleitamento materno em pais de recém-nascidos prematuros* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa). Acedido em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/16407>
- Conselho Internacional de Enfermeiros. (2016). *Classificação internacional para a prática de enfermagem: Versão 2015*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros.
- Cruz, L. M. (2012). *Competências parentais na amamentação: Contributos para um modelo de supervisão clínica em enfermagem* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem do Porto). Acedido em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/9332>
- Filamingo, B., Lisboa, B., & Basso, N. (2012). A prática do aleitamento materno entre mães adolescentes na cidade de Dois Córregos, estado de São Paulo. *Scientia Medica*, 22(2), 81-85. Acedido em <https://pdfs.semanticscholar.org/e482/0ee49b8e24c282316fd6cc165d7bfad46230.pdf>
- Hamze, L., Carrick-Sen, D., Zhang, Z., Liu, Y., & Mao, J. (2018). Maternal attitude towards breastfeeding: A concept analysis. *British Journal Of Midwifery*, 26(7), 462-470. Acedido em <https://doi.org/10.12968/bjom.2018.26.7.462>

- Holanda, A. (2014). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363-372. Acedido em <https://doi.org/10.14417/ap.176>
- Horta, B., Victora, C., Gigante, D., Santos, J., & Barros, F. (2007). Duração da amamentação em duas gerações. *Revista de Saúde Pública*, 41(1), 13-18. Acedido em <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000100003>
- Levy, L. (2011). Um acto de amor: Tudo o precisa de saber para amamentar o seu bebé com sucesso. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Levy, L., & Bértolo, H. (2012). Manual de aleitamento materno. Lisboa: Comité Português Para a UNICEF, Comissão Nacional Iniciativa Hospitais Amigos Dos Bebés.
- Lima, S., Santos, E., Erdmann, A., Farias, P., Aires, J., & Nascimento, V. (2019). Percepção de mulheres quanto à prática do aleitamento materno: Uma revisão integrativa Perception. *Revista Cuidado é Fundamental*, 11(1), 248-254. Acedido em <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i1.248-254>
- Lourenço, M. C. (2018). Promoção e apoio ao aleitamento materno em contexto de cuidados de saúde primários (Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Portalegre). Acedido em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/23526>
- Martins, R., & Montrone, A. (2017). O aprendizado entre mulheres da família sobre amamentação e os cuidados com o bebê: contribuições para a atuação de profissionais de saúde. *Revista APS*, 20(1), 21-29. Acedido em <https://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/292>

- Moreira, M., Nascimento, E., & Paiva, M. (2013). Representações sociais de mulheres de três gerações sobre práticas de amamentação. *Texto Contexto Enfermagem*, 22(2), 432-41. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n2/v22n2a20.pdf>
- Natalia S., & Vickers M. (2018). The power of role models for breastfeeding. *Breastfeeding mother support E-Newsletter*, 16(1), 1-43. Acedido em <http://waba.org.my/breastfeeding-mother-support-e-newsletter-english-v16n1/#1>
- Parreira, A. P. C. (2018). Promoção da amamentação na primeira hora de vida: Intervenções do EEESMO valorizadas pelas puérperas (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa). Acedido em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/22155>
- Pincho, C. L. (2018). Amamentar a escolha natural para o seu bebé. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, C., Bartoli, C., Massafra, G., Silverio, M., Bisognin, P., & Prates, L. (2015). Sentimentos e vivências maternas associadas ao processo de amamentação. *Revista enfermagem UFPE online*, 9(8), 9343-9351. Acedido em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/10739/11845>
- Silva, T. (2013). Aleitamento materno: Prevalência e factores que influenciam a duração da sua modalidade exclusiva nos primeiros seis meses de idade. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 44(5), 223-228. Acedido em <https://actapediatrica.spp.pt/article/view/3399>
- Siqueira, F., Zutin, T., Kuabara, C., & Martins, T. (2017). A capacitação dos profissionais de saúde que atuam na área do aleitamento materno. *Investigación en Enfermería: Imagen Y Desarrollo*, 19(1), 171-186. Acedido em

<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/imagenydesarrollo/article/view/12563>